
A hermenêutica do si-mesmo na efetivação da linguagem docente

Amarildo Luiz Trevisan¹

 <https://orcid.org/0000-0002-3575-4369>

Ercília Maria de Moura Garcia Luz²

 <https://orcid.org/0000-0002-7070-085X>

Resumo

O trabalho utiliza os conceitos de si-mesmo e reconhecimento de Paul Ricoeur para analisar a linguagem docente sob uma perspectiva hermenêutica diante da violência escolar. Destaca a importância de transcender a subjetividade para estabelecer uma relação intersubjetiva saudável, o que exige uma predisposição para repensar o eu. O estudo referencia a tragédia de Antígona e a filosofia da linguagem para ampliar o cultivo da humanidade na Educação. Enfatiza a necessidade de uma abordagem ética na prática pedagógica, incluindo compreensão de si, relação interpessoal, expressão respeitosa e reconhecimento mútuo. Destaca a importância do “poder-dizer”, o que requer uma reformulação dos fundamentos educacionais para promover o reconhecimento mútuo, evitando, assim, a violência.

Palavras-chave: Filosofia da Educação. Docente. Ação linguística. Si-mesmo. Hermenêutica.

The hermeneutics of the self in the effectiveness of teaching language

Abstract

The work employs Paul Ricoeur's concepts of self and recognition to analyze teaching language from a hermeneutic perspective in the face of school violence. It underscores the importance of transcending subjectivity to establish a healthy intersubjective relationship, requiring a predisposition to rethink the self. The study references the tragedy of Antigone and the philosophy of language to enhance the cultivation of humanity in education. It emphasizes the need for an ethical approach in pedagogical practice, including self-understanding, interpersonal relationships, respectful expression, and mutual recognition. It highlights the significance of "power-speaking," necessitating a reevaluation of educational foundations to promote mutual recognition, thereby avoiding violence.

Keywords: Philosophy of education; Teacher; Linguistic action; Self; Hermeneutics.

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria: trevisanamarildo@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria: erciliamouluiz@gmail.com.

Considerações iniciais

A ação da linguagem é complexa e afeta as relações interpessoais dos indivíduos, especialmente no ambiente escolar, onde os professores desempenham um papel fundamental em lidar com desafios de agressões verbais e físicas decorrentes de fatores sociais, econômicos e pandêmicos. O objetivo principal do artigo é refletir sobre a efetividade da linguagem docente no campo da Filosofia da Educação, de acordo com a hermenêutica do si-mesmo, de Paul Ricoeur. A situação problemática discutida aqui é como a hermenêutica de Ricoeur pode contribuir para a formação docente de acordo com os parâmetros dessa área. Por isso, este artigo se concentra no ambiente escolar, um espaço social que requer um grande potencial de escuta e diálogo.

Para abordar essa questão, recorreremos à obra de Paul Ricoeur (2019), especialmente seu livro *O Si-mesmo como outro*, que descreve a hermenêutica como uma forma de compreensão do ser humano em relação a si próprio, considerando a subjetividade do interlocutor. Além disso, também trabalharemos com o livro *Percurso do reconhecimento* (Ricoeur, 2006), que busca restaurar o sentido dos conceitos e palavras por meio do reconhecimento de si-mesmo.

Segundo Ricoeur (2019), a Filosofia é uma forma de atestação que conserva algo específico, sendo que aquilo que é verdadeiro emerge da relação de um si-mesmo com um outro. Essa perspectiva valoriza o reconhecimento e a responsabilidade, por isso a hermenêutica reflexiva é fundamental para alcançar uma sabedoria prática. Para Ricoeur (2019), a linguagem é uma forma de ação, e a compreensão do ser humano no mundo deve levar em conta suas perspectivas e contrastes. A tragédia de Antígona é citada como exemplo, mas Ricoeur (2019) não se limita a comentá-la ou criticá-la, ele busca restaurar o sentido e a sabedoria trágica para reorientar a sabedoria prática. Assim, é possível transcender limites e acessar novas fronteiras que elucidem a vida e a sabedoria, valorizando tanto a consciência julgadora quanto o ser atuante.

Dessa forma, o artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre o autoesclarecimento docente, examinando como o sentido da linguagem utilizada pelos professores pode afetar a compreensão de si-mesmo na relação com os outros. No início do artigo, discutimos a importância da Filosofia e do ato de falar a partir de Ricoeur. Em seguida,

exploramos a conexão que ele realiza entre a sabedoria trágica e a prática, tomando como exemplo a tragédia de Antígona. Por fim, contextualizamos a relação entre o reconhecimento e o desconhecimento de si, concluindo que o saber hermenêutico tem um papel fundamental na expressão criativa da linguagem docente ao tornar explícito o implícito e ao aprimorar a compreensão de si próprio e dos outros.

A Filosofia da Linguagem e o ato de dizer

A discussão sobre a importância do uso da linguagem na Educação tem sido objeto de várias abordagens nos últimos tempos. Adorno (1995) destaca a gravidade do problema ao realizar uma reflexão crítica na formação docente, pois educar requer discernimento e compreensão do papel da Filosofia e da linguagem na ação educativa. A carência da formação cultural pode afetar a expressividade da linguagem docente:

Espero não ser considerado entre *os laudatoris temporis acti* (que fazem o elogio do seu tempo dos acontecimentos do passado), mas a lembrança de meu tempo de colégio traz à recordação professores cuja sensibilidade linguística, ou melhor, cuja simples correção no expressar-se era bem distinta do descaso hoje predominante (Adorno, 1995, p. 65).

Adorno (1995) reflete sobre a deterioração da qualidade da linguagem utilizada pelos professores atualmente em comparação aos professores do passado, ao ressaltar a sensibilidade linguística destes últimos. Ele expressa uma preocupação com a perda da correção e da habilidade de expressão na linguagem docente contemporânea, o que pode ter implicações negativas na formação dos alunos. Adorno não está necessariamente elogiando o passado em si, mas sim destacando uma diferença importante na forma como os professores se comunicavam e expressavam antigamente e como isso pode ter um impacto positivo na Educação. É importante ressaltar que a crítica de Adorno não se restringe apenas à linguagem docente, mas se estende à sociedade contemporânea e a seus valores culturais.

Inspirado em Adorno e em outros filósofos contemporâneos, Trevisan (2020) aborda a imagem do professor e a importância de decodificar imagens culturais presentes em diversos fluxos de comunicação para uma compreensão mais ampla do paradigma da linguagem em ação.

Para ele, é necessário descentralizar a figura de Atlas, que representa a sobrecarga de discursos pesados e densos, e enfatizar a criatividade na Educação, além da criticidade. Nadja Hermann (2011), por sua vez, ao pensar sobre a prática pedagógica, questiona se é possível compreender o outro sem submetê-lo a nossos esquemas interpretativos e se as ações pedagógicas são justas em relação à singularidade do outro. A autora argumenta que a subjetividade é construída na intersubjetividade e que há a necessidade de um sentido humanizador nas práticas pedagógicas.

Em conjunto, as reflexões de Trevisan (2020) e de Hermann (2002) apontam para a necessidade de uma abordagem mais humanizadora na Educação, que valorize a criatividade, a reflexão crítica e a intersubjetividade como elementos fundamentais para a formação cultural e intelectual dos alunos. Essa abordagem requer uma ruptura com o modelo tradicional de ensino – que, muitas vezes, é baseado em normas e padrões rígidos – e uma abertura para a diversidade e a singularidade dos alunos, que devem ser vistos como sujeitos ativos e criativos na aprendizagem.

Martha Nussbaum (2022), entretanto, defende que o cultivo das humanidades é o desafio da educação atual, que deve preparar as pessoas para a cidadania e a vida em geral, além de desenvolver habilidades como o exame crítico do si-mesmo e a imaginação narrativa, que permitem a compreensão do outro e de suas emoções complexas. Em uma entrevista publicada pela Revista *El Salto* em 4 de junho de 2021 do Instituto Humanista Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Nussbaum (2022) referencia a necessidade de um modelo educacional cujo objetivo seja cultivar o ser humano em sua totalidade, um modelo que prepare as pessoas para as funções da cidadania e da vida em geral e não em máquinas utilitárias. Entre essas habilidades, destaca a avaliação crítica do si-mesmo, a qual abre perguntas relacionadas a seus princípios e limitações, de crucial importância para a vida pessoal e social. Como exemplo, cita as decisões que médicos, professores, entre outros, devem tomar em sua prática diária, mesmo enfrentando dilemas. Assim, o cultivo das humanidades exige reconhecer e praticar aquilo que nos faz humanos, como a habilidade da imaginação narrativa, pois graças a ela se produz o conhecimento de sentimentos e emoções cada vez mais complexos, configurando-se como habilidade necessária à compreensão do outro, de suas opiniões, de seus desejos e interesses.

Nessas circunstâncias, ela sublinha a capacidade das tragédias gregas em permitir que o leitor se identifique com personagens que, em termos sociais, culturais, étnicos ou de gênero,

são muito diferentes dele. Essa experiência ajuda a reconhecer o que é diferente no outro e permite aos estudantes se conectarem às humanidades. Como cidadãos democráticos de seu país e do mundo, os educadores devem fazer um grande esforço para resistir às tentativas do mercado de reduzir a Educação a uma ferramenta do Produto Interno Bruto (PIB) e, assim, conectá-la às humanidades.

Nesse contexto, o filósofo e escritor espanhol Fernando Fernández Savater (1998, p. 48) argumenta sobre o “valor da Educação”, afirmando que a capacidade de aprender implica uma rede de relações necessárias com outros seres humanos, provenientes de duas gestações para a criança. A primeira, obviamente, ocorre no útero materno, segundo determinismos biológicos; a segunda acontece na matriz social em que a criança cresce, submetida à linguagem e a usos rituais e técnico-culturais. A possibilidade de ser humano só se efetiva por meio de uma disposição mimética, pela vontade de imitar os outros com os quais convive. Nessa hipótese, o primeiro conhecimento que a Educação transmite é que não somos únicos, pois nossa condição implica um intercâmbio significativo que confirma e possibilita a nossa condição. O segundo conhecimento é o fato de que não somos os iniciadores de nossa linhagem. O *imprinting*, a marca humana na qual os filhos reconhecem suas mães assim que nascem, já é vigente de mil maneiras em uma tradição cultural de mitos e ritos da qual fazemos parte e na qual nos formamos. Para esse teórico, a Educação nos ajuda a nascer para o tempo em que vivemos, não exatamente para o mundo.

Paul Ricoeur, autor francês que se tornou um marco no meio filosófico contemporâneo, aproxima-se dessas discussões por tratar sua filosofia a partir da centralidade da linguagem, porém, ao mesmo tempo, apresenta uma contribuição diferenciada ao transitar a discussão hermenêutica da interpretação para a teoria do discurso. Embora todos os autores mencionados tenham abordado a linguagem em suas obras, suas perspectivas podem ser distintas. Adorno, por exemplo, defendia a ideia de que a linguagem era uma forma de dominação, utilizada pelos detentores do poder para impor sua vontade sobre os demais. Enquanto Trevisan (2020) enfatiza a criatividade na Educação e a importância de decodificar imagens culturais, Hermann (2002) questiona a possibilidade de compreender o outro sem submetê-lo a nossos esquemas interpretativos e defende a necessidade de um sentido humanizador nas práticas pedagógicas. Desse modo, Trevisan e Hermann se concentram mais na prática pedagógica, enquanto Adorno

traz uma contribuição filosófica mais ampla para a compreensão da linguagem e sua relação com a subjetividade e a ação humana. Assim, embora Adorno, Trevisan e Hermann compartilhem alguns pontos de vista sobre a prática pedagógica, suas aproximações em relação à filosofia da linguagem de Paul Ricoeur são diferentes. Já as ideias de Ricoeur sobre a hermenêutica do discurso e a teoria prática da enunciação têm implicações profundas não apenas para a Educação, mas também para a Ética, a Política e a Cultura em geral.

Ricoeur traduz vários conceitos de diferentes matrizes filosóficas para sua filosofia e, graças a sua erudição exemplar, consegue dialogar com diversas correntes. Sua teoria destaca o sentido da linguagem, critica o cartesianismo e a visão do cogito exaltado. A questão central de sua obra é a mudança que caracteriza o modo epistêmico, ou seja, o conhecimento das asserções ligadas ao registro das capacidades, em que a atestação se aproxima do testemunho, como indica a etimologia da própria palavra, pois é na palavra da testemunha que acreditamos.

Quando Ricoeur questiona o cogito cartesiano (“penso, logo existo”), sua intenção é criticar qualquer filosofia que pretenda ter acesso à verdade de forma solipsista, especialmente em função das experiências traumáticas da primeira e segunda guerras mundiais, que marcaram profundamente seu pensamento. Assim, ao repudiar a soberania do cogito, ele rejeita as tentativas de interpretar conceitos para além da relação intersubjetiva. Ricoeur propõe uma abordagem reflexiva baseada no “si-mesmo como outro”, na qual a viagem ao outro leva a um retorno a si, não mais como o mesmo, mas justamente como outro. Essa perspectiva permite superar o narcisismo primitivo, e nos abre para uma visão mais pluralista e voltada para o diferente.

Assim, a partir do pensamento de Paul Ricoeur (2019), a Filosofia da Linguagem transcende a simples interpretação de símbolos para chegar à hermenêutica do discurso, na qual a ação é o foco principal. Para ele, o primeiro significado da ação humana é a autodesignação de um sujeito que fala. Ao usar a linguagem para se descrever pela narrativa de si, ele acredita que certos enunciados geram fenômenos e eventos que precisam ser explicados. Portanto, ao repensar a filosofia da linguagem, recorre à enunciação como uma teoria prática, ou seja, pragmática, para enfatizar o uso da linguagem em diferentes contextos de interação. Esses contextos são baseados no modelo da atitude que outros participantes assumem em relação ao discurso do falante:

O ato locutório é a própria operação predicativa de dizer algo sobre algo; ressalta-se, assim, que não são os enunciados que referem, mas os locutores que fazem referência: não são tampouco os enunciados que têm sentido ou significam, mas são os locutores que querem dizer isto ou aquilo, que entendem uma expressão neste ou naquele sentido (Ricoeur, 2019, p. 23).

Ricoeur destaca aqui a importância da perspectiva pragmática na Filosofia da Linguagem, enfatizando que o ato de falar é uma ação intencional realizada por um sujeito falante que busca designar algo. Ele argumenta que não são apenas as palavras que têm significado, mas sim os locutores que dão sentido aos enunciados por meio da intenção expressa em sua fala. Isso quer dizer que a significação de um enunciado é influenciada pelo contexto em que é dita e pelas intenções do falante. Além disso, a compreensão de um enunciado requer que se leve em conta o discurso como um todo, e não apenas as palavras isoladas. Tal perspectiva enfatiza a relevância da comunicação, ressaltando o novo papel da hermenêutica na Filosofia da Linguagem.

Nesse contexto, a Filosofia da Linguagem passa de um foco do “o que” para um foco no “quem” da enunciação, ou seja, na pessoa que fala. Isso porque, ao falar, a pessoa se autodesigna e entende que dizer é fazer. Essa área, portanto, inclui uma atitude reflexiva em relação aos próprios proferimentos, tanto na referência identificadora quanto na ponderação da enunciação. Na primeira, a pessoa é vista como um indivíduo básico, ao qual se atribuem predicados físicos ou psíquicos. Na segunda, é tida como parceiro reflexivo daquele que fala. Essas duas abordagens se complementam na teoria dos atos do discurso para garantir que o objetivo de cada um seja alcançado pela convergência das ações de referência e retorno a si.

Assim, enquanto Savater enfatiza a importância da Educação e da imitação para a aquisição da linguagem, Ricoeur destaca a importância da narrativa e da reflexão para a compreensão do mundo e para a construção de uma identidade mais pluralista e aberta ao outro. Além disso, Ricoeur frisa a importância da ação e da enunciação para a compreensão da linguagem, enquanto Savater sublinha a relevância da tradição cultural e do aprendizado social para a aquisição da linguagem.

No entanto, Ricoeur realça ainda que a reflexividade da enunciação não é uma competência semântica da referência identificadora. Em vez disso, ela se apresenta como parte do próprio entendimento do sujeito. Nesse contexto,

[...] o poder-dizer que, intencionalmente, colocamos à frente das modalidades do “eu posso” é onerado por uma dificuldade de dizer, até mesmo por uma impotência de dizer. Esta demonstra que não cessamos de nos equivocar em relação às motivações profundas que entravam nossa necessidade de dizer. Entre segredo, inibição, resistência, hipocrisia e outros, os parentescos são tão estreitos quanto dissimulados (Ricoeur, 2006, p. 268).

A citação trata sobre a complexidade do ato de dizer e a dificuldade em expressar nossas intenções e motivações mais profundas. Ricoeur (2006) aponta que, muitas vezes, somos impedidos de dizer o que realmente queremos ou precisamos dizer, seja por medo, vergonha, hipocrisia ou outras razões. Ele também enfatiza que existe uma diferença entre o poder-dizer e a habilidade real de dizer, o que implica que nem sempre somos capazes de expressar aquilo que gostaríamos ou que precisamos comunicar. Essa reflexão destaca a importância de compreender a linguagem como um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve não apenas a escolha de palavras e a gramática, mas também nossas motivações, emoções e relações com os outros.

A teoria dos atos discursivos é fundamental para compreender não apenas a opacidade dos signos do discurso, mas também para esclarecer a natureza do sujeito falante e suas particularidades. A interlocução é uma ampliação da linguagem que permite a interação entre as pessoas. No entanto, a noção de que “tudo é linguagem”, muitas vezes, leva a um semanticismo fechado que não é capaz de dar conta do agir humano como algo que acontece efetivamente no mundo. Segundo Ricoeur (2019), há uma reflexividade na linguagem que não está ligada intrinsecamente ao poder de autoconsciência.

O sentido de um enunciado se reflete no fato de sua enunciação, e existem duas demandas teóricas importantes a partir desse contexto. Na primeira, não são os enunciados nem mesmo as enunciações que referem, mas sim o modo como os sujeitos falantes usam recursos do sentido e da referência do enunciado para trocar suas experiências numa situação de interlocução. Na segunda, a conjuntura de interlocução só tem valor de acontecimento à medida que os autores da enunciação são postos em cena pelo discurso em ato e com os enunciadores. Ricoeur destaca a importância da circularidade de intenções na troca de capacidades e a reflexividade da enunciação e a alteridade implicada. No entanto, o falar pode deixar transparecer o que está inscrito na imaginação, o que significa que a linguagem é um recurso complexo que pode revelar tanto a intenção consciente quanto a inconsciente do sujeito falante. Por isso,

[...] a questão que se coloca é saber se a ideia de capacidade pode, em qualquer nível de análise, ser considerada eticamente neutra. O que é considerado no próprio âmago da atestação. As capacidades não são constatadas e sim atestadas. À ideia de atestação permanece vinculada às de apreciação, avaliação. [...] É no nível do alicerce antropológico da ideia de poder agir, que opera a avaliação de nossas capacidades, subterraneamente ligada à ideia de bem viver (Ricoeur, 2006, p. 160).

A citação aponta para a importância de considerar a dimensão ética envolvida na ideia de capacidade, que não pode ser vista como neutra em qualquer nível de análise. O autor destaca que as capacidades não são apenas constatadas, mas atestadas e avaliadas, o que está intimamente ligado à ideia de bem viver. A marca ética presente na atestação das capacidades é comum no pensamento antigo e moderno e indica que a avaliação das capacidades está ligada a nosso alicerce antropológico, ou seja, a nossa capacidade de agir de forma ética.

Além disso, Ricoeur (2006) enfatiza a importância da compreensão pela discursividade e da explicação das capacidades humanas. O autor defende que a explicação não deve diferenciar as Ciências da Natureza e as Ciências Humanas, porquanto a compreensão reivindica uma irreduzibilidade e especificidade das ciências do espírito. O sujeito deve estar consciente de que sua linguagem é uma prática social, mas sua enunciação e seu poder de dizer identificam-no em sua individualidade e sabedoria. Dessa forma, aponta para a complexidade envolvida na avaliação das capacidades humanas, ligada à dimensão ética e ao contexto social e histórico em que o indivíduo está inserido. Além disso, salienta a importância da compreensão das capacidades humanas, que devem ser vistas de forma integrada e contextualizada.

Desse modo, existem pelo menos três diferenças entre o pensamento de Martha Nussbaum e Paul Ricoeur em relação à filosofia da linguagem. Primeiro, Nussbaum defende que a Educação deve cultivar as humanidades, enquanto Ricoeur destaca a importância da hermenêutica do discurso na ação humana. Segundo, ela enfatiza a importância da imaginação narrativa para compreender o outro, enquanto Ricoeur frisa a perspectiva pragmática da filosofia da linguagem. Terceiro, a autora ressalta a resistência às tentativas de reduzir a Educação a uma ferramenta do PIB, enquanto Ricoeur salienta a relevância da comunicação e a importância da reflexão sobre os próprios proferimentos. No entanto, de modo semelhante à abordagem que Martha Nussbaum faz do trágico, Ricoeur percebe que a tragédia grega pode ajudar o si-mesmo a se orientar no mundo prático do ponto de vista de sua relação com o outro. Alguns desses

aspectos abordaremos a seguir a partir da análise que ele faz da peça de teatro *Antígona*, escrita por Sófocles por volta de 442 a.C.

A tragédia de Antígona: um olhar sobre a sabedoria trágica

Na abordagem sobre a hermenêutica do si-mesmo, Paul Ricoeur (2019) opta por analisar a tragédia de *Antígona* em vez de *Édipo Rei*, porque a primeira apresenta um sentido didático de sabedoria que permite ir além do formalismo moral em situações, proporcionando uma vivacidade ética maior. Além disso, a tragédia apresenta uma instância de endurecimento dos conflitos, uma vez que explora as energias espirituais provenientes dos mitos e da tradição familiar. Nesse sentido, a sabedoria trágica pode orientar os conflitos e a vida moral, devolvendo à sabedoria prática um lugar único de experiência no julgamento moral da situação: “A sabedoria (to phroneim) é, de longe, a primeira fonte da felicidade: não é necessário ser ímpio para os deuses. As palavras altaneiras, pela grande importância que lhe dispensam as pessoas orgulhosas, ensinam-lhes (édidaxan), mas somente quando são velhos, a ser sábios” (Ricoeur, 2019, p. 283).

Paul Ricoeur destaca a importância da sabedoria como a primeira fonte de felicidade, que não requer necessariamente ser ímpio para os deuses. É interessante notar que as palavras altaneiras — ou seja, a linguagem pomposa e exagerada, muitas vezes associada ao orgulho — podem ensinar as pessoas a serem sábias, mas somente quando são velhas. Isso sugere que a sabedoria é um processo gradual, que requer tempo e experiência para ser adquirida. Além disso, sugere que a sabedoria não é apenas um estado de conhecimento, mas também uma prática que se relaciona com a forma como as pessoas se comportam e agem no mundo.

Assim sendo, para Ricoeur, a sabedoria prática deve ser orientada pelo trágico da ação e, por isso, parece-lhe mais apropriado ouvir outra voz que não a da filosofia: a da tragédia grega. Nesse contexto, o mito trágico de Antígona³ certamente comprova a necessidade de uma

³ Distinguem-se três concepções de mito. Na primeira, compreendida por Platão e Aristóteles, o mito é visto como produto inferior ou deformado da atividade intelectual: verossimilhança. Na segunda, passa a ser considerado como uma forma autônoma de pensamento ou de vida. A terceira concepção consiste na moderna teoria sociológica, cuja função é reforçar a tradição, atribuindo-lhe maior valor e prestígio, de acordo com o papel que desempenha a sociedade (Ver: Abbagnano, 2003, p. 873).

mobilização social com vistas ao resgate da dimensão humana. Daí a necessidade também de pensarmos a possibilidade da responsabilidade ativa e da dimensão ética da existência para não cair na infelicidade.

De acordo com essa tragédia grega, Antígona, filha de Édipo e Jocasta, foi um exemplo de solidariedade familiar. Ela foi a única filha que não abandonou Édipo, rei de Tebas, quando este foi expulso de seu reino. Apesar de sua astúcia em haver decifrado o enigma da Esfinge⁴, ele não consegue desvencilhar-se da tragédia, a qual, na concepção aristotélica, era a expressão desesperada do herói que luta contra todas as adversidades, mas não consegue evitar a desgraça. Antígona, após saber que ele havia furado os próprios olhos como autopunição por não ter reconhecido que sua esposa, Jocasta, era a sua mãe, conduz seu pai para um jardim de espiritualização. Lá, Édipo tem uma mudança de vida, pois passa não mais a enxergar para fora, mas para dentro de si próprio e decide não mais imputar a barbárie a seu povo. Assim ocorreu, segundo Ricoeur (2019), a instrução do ético pelo trágico pela visão do si-mesmo.

A compreensão da experiência da alteridade resulta em uma mudança significativa na pessoa que se lança no mundo, retornando como alguém diferente ao incorporar o outro no diálogo. Essa ideia tem suas raízes no pensamento grego e em sua tradição, que enfatiza a importância da sabedoria para aprender a viver. Essa visão é compartilhada pelo mitólogo Ferry (2010), que argumenta que o mito não é apenas um conjunto de contos e tragédias, mas também possui um profundo saber que se estende ao plano filosófico, semeando amor e vida. Uma abordagem hermenêutica nos permite compreender que o sentido não se limita ao que é dito, mas também inclui o que se quer dizer e o que algo significa para nós. Para os seres humanos, tudo é potencialmente “sentido”, não apenas um texto, mas também um contexto ou um acontecimento. Portanto, é crucial recuperar a hermenêutica do si-mesmo.

Não nos enganamos sobre nós mesmos sem nos enganarmos sobre os outros e sobre a natureza das relações que temos com eles. Se a essência do equívoco, segundo a frase de Pascal, é a de “não o conhecer”, o desconhecimento é

⁴ Édipo foi quem conseguiu decifrar o enigma da Esfinge (ser mitológico metade leão e metade mulher) e não ser devorado por ela. A pergunta foi: “qual é o animal que de manhã tem quatro patas, dois pés ao meio-dia e três à tarde?”. Sem hesitar, Édipo responde: “é o homem”. Isso porque, na infância, engatinha; na idade adulta, anda ereto com os dois pés, e, na velhice, necessita de bengala para se apoiar. A esfinge suicida-se, e Édipo torna-se um herói e, assim, o novo rei de Tebas (Brandão, 1987).

duplicado pelo fato de que o sujeito com equívoco não conhece a si-mesmo (Ricoeur, 2006, p. 268).

Paul Ricoeur (2006) nos leva a refletir sobre a importância do autoconhecimento na compreensão das relações interpessoais. Ele afirma que, ao nos enganarmos sobre nós mesmos, estamos nos enganando também sobre os outros e sobre a natureza de nossas relações com eles. O autor aponta que a essência do equívoco é a falta de conhecimento, e essa falta de conhecimento é ainda mais grave quando se trata do desconhecimento de si. Isso ocorre porque o autoconhecimento é fundamental para que compreendamos nossas próprias emoções, motivações e comportamentos, bem como as emoções, motivações e comportamentos dos outros. Quando não nos conhecemos bem, podemos projetar nossas próprias emoções e desejos nos outros ou podemos interpretar erroneamente suas emoções e desejos.

Por isso, é importante que nos dediquemos ao autoconhecimento, buscando compreender nossas próprias crenças, valores, medos e desejos. Esse processo nos permitirá ter uma compreensão mais profunda de nós mesmos e, conseqüentemente, uma compreensão mais clara de nossas relações com os outros. Assim,

[...] o caso do poder-fazer, como forma de capacidade de agir, identifica a autodesignação na dimensão do poder dizer. O exercício dessa capacidade de fazer os acontecimentos ocorrerem no mundo físico e social se desenvolvem em um regime de interação no qual o outro pode desempenhar o papel de auxiliador ou de cooperador, como nas ações conjuntas, nas quais às vezes é impossível isolar a contribuição de cada um (Ricoeur, 2006, p. 264).

A relação entre o poder-fazer e a capacidade de agir na dimensão do poder dizer, para Ricoeur (2006), é uma forma de autodesignação, ou seja, uma maneira de expressar o si-mesmo no mundo. Essa capacidade de fazer as coisas acontecerem no plano físico e social é desenvolvida mediante a interação com os outros. Em muitas situações, é impossível isolar a contribuição de cada um, pois há ações conjuntas que dependem da cooperação e auxílio mútuo. Nesse sentido, o outro pode desempenhar o papel de auxiliador ou cooperador na realização dessas ações, dado que a ideia de interação e cooperação ressalta a importância da relação com o outro na construção da identidade e na capacidade de agir no mundo.

A hermenêutica do si-mesmo na linguagem docente

Até o momento, observamos que Ricoeur dedica especial atenção ao sentido hermenêutico das palavras em ação no movimento de enunciação e reflexividade. As reflexões apresentadas podem ter relevância para a Educação em diversos aspectos. Em primeiro lugar, a questão da capacidade pode estar relacionada à prática educativa, uma vez que é comum que as instituições formadoras se preocupem com a fala de seus docentes, mas não necessariamente com sua capacidade de “poder dizer” determinadas expressões ou denominações sobre seus alunos, dependendo de cada área do conhecimento, o que pode alimentar a cultura de tabus na relação com eles: “Gradativamente, os alunos vão internalizando tais rótulos, a ponto de acreditarem que seus comportamentos são expressão direta de suas respectivas naturezas e, desse modo, não podem ser modificados” (Zuin, 2003, p. 421). Nesse sentido, é comum a criação da cultura de estereótipos, principalmente nas redes sociais, sobre aquilo que o professor está tentando comunicar como forma de vingança, ou seja, uma “cultura que compele os alunos a desenvolverem tais representações aversivas com relação aos seus mestres” (Zuin, 2003, p. 426). Por isso, é importante refletir sobre as implicações éticas desse processo e sobre como a habilidade de dizer pode influenciar a formação dos alunos.

Em segundo, a reflexão sobre a linguagem como prática social e sobre o poder dizer pode contribuir também para uma reflexão crítica sobre as relações de poder presentes na sociedade e na Educação. Ao compreender que a linguagem não é neutra e que a forma como nos expressamos está vinculada a nossa posição social, é possível trabalhar para criar um ambiente educativo mais inclusivo e democrático, que valorize a diversidade e o diálogo entre diferentes perspectivas, “concordando com a tese [...] [de] que o conflito, e depois a violência, surgem da negação da palavra e do diálogo no espaço escolar” (Chispino; Dusi, 2008, p. 599).

Além disso, a ideia de compreensão e explicação pode ter implicações para a forma como os conteúdos são abordados em sala de aula. A partir desse debate, é possível pensar em uma abordagem que não se limite a uma compreensão meramente conceitual dos conteúdos, mas que também leve em consideração o contexto social e histórico em que eles surgiram, bem como sua relação com outras áreas do conhecimento.

Cabe desenvolver a seguir uma investigação sobre o termo “reconhecimento”, que aparece mais enfaticamente na obra de Paul Ricoeur (2006) intitulada *Percurso do Reconhecimento* (2006), derivando ilações para o campo da Educação. Motivado por uma perplexidade em relação ao estatuto semântico desse termo no discurso filosófico, o autor percebe que, até então, nenhuma obra de boa reputação havia sido publicada sobre esse tema, o que o leva a consultar duas obras da lexicografia da Língua Francesa⁵, separadas por um século. Ele descobre que, para Descartes e Kant, reconhecer significa identificar e aprender pelo pensamento uma unidade de sentido, sendo que, para o primeiro, identificar é inseparável do distinguir, enquanto, para o segundo, identificar é ligar.

Nessa mesma perspectiva, Ricoeur (2006) argumenta que a subjetividade é constituída historicamente, na medida em que se manifesta na objetividade de um mundo comum e que, de modo dialético, o reconhecimento emerge e se compõe nesse processo. O professor, antes de qualquer epistemologia ou paradigma, possui o compromisso ético de ser o mediador das relações e interações. No entanto, ele também percebe o sentimento dos alunos, o que contribui para que se sinta aceito ou não. É claro que nem sempre ele consegue alcançar seus objetivos e pode se perder em múltiplas imagens de si-mesmo, de situações e dependências, sem encontrar realização pessoal e profissional. Nesse contexto de escuta, a recomendação de Ricoeur (2019, p. 345) enfatiza que

[...] o autorreconhecimento se dá a custo de duro aprendizado adquirido durante uma vida longa através de conflitos persistentes, cuja universalidade é insuperável. Esse entrecruzamento de perspectivas, certamente, convém à multiplicidade do ser que se esconde sob a questão levantada: que tipo de ser é o si.

O autorreconhecimento é uma tarefa complexa e contínua que envolve conflitos e aprendizados ao longo da vida. O autor enfatiza que esse processo é universal, pois todos os indivíduos passam por situações que os desafiam a se conhecerem melhor. A abordagem de múltiplas perspectivas é necessária para entender a complexidade do ser humano e a pergunta “que tipo de ser é o si” remete à reflexão sobre a identidade individual e sua relação com o

⁵ O *Dictionnaire de La Langue Française*, publicado por Émile Littré de 1859 a 1872, e o *Grand Robert da La Langue Française*, organizado por Alan Rey em 1985.

mundo em que vivemos. Em suma, ele enfatiza o autorreconhecimento como fundamental para a compreensão de nossa própria existência e para o desenvolvimento humano.

Ao abordar o tema do autorreconhecimento, Ricoeur (2006) destaca a importância da caminhada do ser humano em reconhecer a si e faz referência aos sábios gregos que deixaram uma imagem intimamente ligada à figura que temos de nós mesmos. Ele destaca as ideias da responsabilidade na ação e na justiça bem como das motivações que conduzem os indivíduos a realizar atos admirados e respeitados como fundamentais para o reconhecimento pelo sujeito que age e sofre.

No entanto, esse reconhecimento pode ser desafiado pelo desconhecimento, que pode levar à competição entre reconhecimento e desconhecimento, tanto de si próprio como do outro. Isso induz a uma luta pelo reconhecimento, pela implicação do desconhecimento, o que pode ser conflitual. Ricoeur (2006) salienta a importância da troca cerimonial de dons e coloca o outro no centro da alteridade/confrontação como uma forma de proporcionar um novo olhar sobre o reconhecimento. O autor também destaca a importância da intenção da ação como *telos* primeiro em um contexto em que os fenômenos ou finalidades se configuram e se interconectam à expressão “plano de vida”. A palavra “vida” merece reflexão no sentido ético-cultural conhecido dos gregos como uma função que qualifica o humano como tal.

Ricoeur (2006) percebe que a fala para o “outro” constitui a matriz de significações da fala para “si”, e que uma (re)criação do si pode ser proporcionada. No entanto, ele alerta para a possibilidade de um desconhecimento mais sutil que desconhece a si-mesmo pela dissimetria, entendida como a desigualdade originária na relação entre eu e o outro. Em resumo, o autorreconhecimento envolve uma trajetória complexa que integra conflitos persistentes e múltiplas perspectivas, mas que pode levar a uma compreensão mais profunda da dialética do si-mesmo e do outro.

Nesse contexto, a atividade mental é vista como uma mediação essencial para o outro por meio da palavra, o que é fundamental na internalização. Assim, a fala direcionada ao outro é a base da construção de significado para si-mesmo e pode resultar em uma (re)criação do eu. No entanto, existe a questão de haver um desconhecimento sutil que pode desequilibrar a relação entre o eu e o outro, o que pode ser superado pelo reconhecimento mútuo. Isso significa reconhecer o outro não apenas pelas categorias que o eu estabelece, mas pelo que o outro

apresenta. A mutualidade do reconhecimento permite construir uma passagem ao desconhecimento originário caracterizado pela competição, pela desconfiança e pela glória. Esse entendimento é fundamental na formação docente, pois permeia o sentido do eu com a capacidade de compreensão de si-mesmo por meio da afetividade. Isso é essencial para a efetivação do saber dizer na ação da linguagem docente, sobretudo diante dos desafios impostos pela violência e pelo esquecimento da Filosofia da Linguagem na fala docente.

De acordo com Ricoeur (2019, p. 196), a busca pela adequação entre o que consideramos o melhor para nossa vida e nossas escolhas preferenciais que orientam nossas práticas prossegue em um trabalho de interpretação do si-mesmo. Esse processo ocorre como um texto em que a totalidade e a parte são compreendidas uma por meio da outra, mas requer um senso de justiça em relação aos diferentes significados do poder de dizer de cada agente no percurso do reconhecimento, em que se desenvolve a complementaridade entre o reconhecimento e o desconhecimento de si e do outro.

Como seres humanos, renovamos diariamente nossos pressupostos e modos de ação, aprendendo com a vida, as outras pessoas e o trabalho. Na Educação, isso é permitido por meio de uma sabedoria que privilegia o diálogo, a palavra e a reflexão, a fim de nos conduzir à formação pessoal e social. Nesse sentido, pensar na Educação hoje é pensar no educador em conexões pedagógicas que concretizem os caminhos de uma hermenêutica reflexiva. Se, quanto mais o ser humano se conhece, mais verdade existe em sua aparência, torna-se necessária a prática do cultivo de si-mesmo. A ética socrática, que desafiava as pessoas a se conhecerem, já abordava essa questão.

Compreendemos que o humano emerge quando objetiva seu mundo e, ao mesmo tempo, objetiva-se, a fim de reconhecer como subjetividade e forma de ouvi-lo. É fundamental referendar a objetivação da pessoa em seu contexto histórico e existência, o que torna necessária a prática do cultivo do outro em si-mesmo. Portanto, como discutido anteriormente, a hermenêutica discursiva precisa ser esclarecida na docência. A partir desse entendimento, consideramos pertinente um movimento provocativo em relação às reais necessidades de formação docente que priorizem o conhecimento do poder de dizer na interatividade da linguagem eu-outro, a fim de provocar e atestar a capacidade de saber dizer. Em resumo,

buscamos dialogar sobre caminhos que possibilitem a compreensão do si-mesmo para a efetivação da ação linguística no campo da docência.

Considerações finais

O texto aborda a importância da reflexão sobre a hermenêutica do si-mesmo na prática pedagógica, especialmente na relação intersubjetiva entre docentes e discentes. Porém, diferente de outros autores mencionados, Ricoeur aponta para a necessidade de uma abordagem ética da hermenêutica autorreflexiva na prática pedagógica, que envolve a compreensão de si mesmo, a relação intersubjetiva, a capacitação para o poder-dizer e o reconhecimento mútuo.

O artigo problematiza diversas questões importantes para a Educação, em especial para a difícil situação de violência que as escolas e professores enfrentam no Brasil hoje. Uma das principais reflexões é a relevância da hermenêutica do si-mesmo na prática pedagógica, que envolve a compreensão de si mesmo como fundamental para o ato de poder-dizer e para a concepção do outro e dos limites conceituais. Essa hermenêutica interpretativa transcende para a hermenêutica discursiva, que deve ser considerada em termos práticos na ação da linguagem docente.

Outro elemento a destacar é a relação intersubjetiva na docência, na qual a compreensão de si é fundamental para a relação entre docentes e discentes e para o gesto do diálogo. A hermenêutica do si se torna uma ferramenta importante na prática pedagógica, permitindo a recriação de si na experiência comunicável e evitando direcionamentos para um ego cartesiano. A sabedoria presente na tragédia de *Antígona* também pode ser um elemento decisivo para pensar a Educação, ajudando a olhar para dentro de si e entender a importância da hermenêutica do “si-mesmo” na relação com o outro. Essa recuperação do si na alteridade pode ser entendida como uma fusão interpretativa entre o sujeito e o outro, resultando em um reconhecimento mútuo que evita a violência.

Por isso, imaginar um grupo de professores em uma sala de aula, sentados em círculo e conversando de forma aberta e respeitosa com a turma de estudantes simbolizaria o ambiente escolar como um espaço social que requer escuta e diálogo, e enfatizaria a importância da

linguagem docente na formação de alunos. Além disso, representaria a ideia de reconhecimento mútuo entre os professores e seus alunos, essencial para a hermenêutica discursiva proposta por Ricoeur. O círculo de professores poderia ser complementado por elementos que remetem ao tema da Educação, como livros, cadernos, lápis e quadros. Além disso, ao salientar a importância da Educação e formação para desenvolver a capacidade de poder-dizer, ou seja, expressar-se de forma a reconhecer e respeitar o outro, isso auxilia a evitar a violência e resulta em um reconhecimento mútuo, que contribui para a hermenêutica do si-mesmo na efetivação da linguagem docente.

A reflexão sobre a dualidade do sujeito enaltecido *versus* sujeito humilhado também é relevante para a prática pedagógica, pois permite ao docente encontrar sua identidade e conexão com a vida, atestando sua existência e contribuindo para a hermenêutica do si-mesmo na prática discursiva docente. Portanto, o saber dizer, para Ricoeur, é inseparável do poder dizer para não ocasionar violência, já que existe o reconhecimento do diferente pelo acolhimento do outro no si-mesmo. Para isso, seria necessário não apenas um dizer de si, mas um poder-dizer, o que exige uma nova educação, outra formação.

Portanto, a Educação e a formação são destacadas como fundamentais para desenvolver a capacidade de poder-dizer o outro na hermenêutica do si-mesmo, o que não apenas impacta a prática da linguagem docente, mas também exige um repensar dos fundamentos da Educação, o que demandaria outros estudos e pesquisas. Assim, o reconhecimento do outro em si mesmo é visto como um modo de evitar a violência na relação entre docentes e discentes.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bosi e Ivone Benetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ADORNO, T. A filosofia e os professores. In: ADORNO, T. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 51-74.

ADORNO, T. *Dialética negativa*. Tradução José Maria Ripalda. Madrid: Taurus, 1975.

BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. v. 1, 2 e 3.

CHRISPINO, A.; DUSI, M. L. H. M. Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da cultura da paz. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 597-624, out./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362008000400007>

FERRY, L. *La sabiduría de los mitos. Aprender a Vivir II*. Tradução Irene Cifuentes. Buenos Aires: 2,1. ed., 2010.

HERMANN, N. Breve investigação genealógica sobre o outro. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 114, p. 137-149, jan./mar. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000100009>

HERMANN, N. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HERMANN, N. *Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética*. Ijuí: Editora Unijuí, 2010

HONNETH, A. *Invisibility: on the epistemology of recognition*. Oxford-Malden: Blackwell, 2001. Supplement to the Proceedings of the Aristotelian Society, 75.

HONNETH, A. *Luta por reconhecimento. A Gramática Moral dos Conflitos Sociais*. Tradução Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HONNETH, A. Recognition and moral obligation. *Social Research*, [S. l.], v. 64, p. 16-35, 1997.

HONNETH, A. *Reificação. Un studio en la teoria del reconocimiento*. Tradução Graciela Calderón. 1. ed. Buenos Aires: Katz, 2007.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução Walério Rohden e Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MARTINS, A. *O mais potente dos afetos*. São Paulo: WMF. Martins Fontes, 2009.

NUSSBAUM, M. *O cultivo das humanidades: o desafio da educação atual*. [S. l.]: Unisinos, 2022. Disponível em: <https://www.ihu-unisinos.br/78-noticias/609893>. Acesso em: fev. 2022.

TREVISAN, A. *Terapia de Atlas: Filosofia da Educação no contemporâneo*. 2ª ed. Revista e ampliada. Caxias do Sul: EDUCS, 2020.

RICOUER, P. *O si-mesmo como outro*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

RICOUER, P. *O conflito das interpretações. Ensaios hermenêuticos*. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RICOUER, P. *Percurso do reconhecimento*. Tradução Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Ed. Loyola Jesuítas, 2006.

SAVATER, F. *O valor de educar*. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WITGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

ZUIN, A. A. S. Sobre a atualidade dos tabus com relação aos professores. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 83, p. 417-427, ago. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000200005>

Submetido: 11.05.2023.

Aprovado: 13.03.2024.